



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Trabalho, questão social e serviço social

A EXTRAÇÃO DA BORRACHA E A “QUESTÃO SOCIAL” NA AMAZÔNIA: OS REFLEXOS NA CIDADE DE BREVES/ PA

Ouripson Dalvan Lopes Felix¹
Elaine Lobato Nery²

Resumo: O objetivo deste trabalho é realizar uma reflexão teórica crítica sobre a exploração da borracha na Amazônia no século XIX pelo modo de produção Capitalista e sobre as expressões da “questão social” na cidade amazônica de Breves/PA.

Palavras-Chaves: Borracha; Breves/PA; “Questão Social”; Amazônia.

Abstract: The objective of this work is to carry out a critical theoretical reflection on the exploitation of rubber in the Amazon in the 9th century by the Capitalist mode of production and on the expressions of the "social question" in the Amazonian city of Breves / PA.

Keywords: Rubber; Breves / PA; "Social issues"; Amazon.

1. INTRODUÇÃO

Para a realização desse debate teórico faz-se necessário um resgate socio-histórico da inserção do modo de produção capitalista na região da Amazônia. Então pensar na formação econômica, política e social do Brasil e da Amazônia, é retomar à discussão do início do século XVI, marcado pela prevalência do modelo econômico extrativista decorrente do contexto internacional do capitalismo industrial, dos países desenvolvidos, que buscavam colônias para a exploração de suas matérias primas e comercialização de mercado externo. Assim sendo, a Amazônia foi considerada uma dessas colônias de exploração.

Desta forma, a região Amazônica perpassou por períodos iniciais de colonização, povoação e exploração de seu território que compreende o século XVI e, mais a frente, o período de vinculação às economias capitalistas mundiais hegemônicas de suas riquezas, e século XIX, com a exploração e importação da borracha.

De acordo com Daou (2000 p.8), a descoberta da borracha na riqueza da Amazônia trouxe “super exploração euforia a elite capitalista da época nas cidades de Belém no Pará e Manaus no Amazonas”, e foi justificada à população local como crença e progresso para a região, baseada em ideais liberais do modo de produção capitalista. Nesse contexto, as

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade Federal do Pará, E-mail: cristiannesillva@hotmail.com.

² Estudante de Pós-Graduação, Universidade Federal do Pará, E-mail: cristiannesillva@hotmail.com.

relações sociais expressavam assim a completa subordinação da população local a um modelo de produção do capital internacional.

O período de implantação do Regime Republicano no Brasil estabeleceu as bases para a internacionalização da borracha, tendo configurado no Pará e Amazonas a formação das elites da borracha, responsáveis por grande parte das importações da borracha com a abertura de rodovias, portos, embarques e o acesso a internacionalização da região Amazônica, bem como a expropriação do território, suas riquezas e do modo de vida e costumes de seus povos tradicionais.

Nesse sentido, o contexto da exploração da borracha, da organização social e política na Amazônia, mudou a configuração de seu território. As relações sociais que se estabeleceram nesse período se baseavam num modelo exploratório do espaço geográfico e com relações sociais que expressavam a completa subordinação da população local aos ditames dos povos dominadores. Assim, esse processo exploratório das riquezas naturais da Amazônia influenciou fortemente as relações sociais, assim como a forma de desenvolvimento da região. Tendo a Amazônia se inserido dentro do contexto de acumulação do capital.

Dessa maneira os processos históricos desencadeados sobre a Amazônia tiveram uma funcionalidade à acumulação capitalista, qualquer que seja a problemática a ser estudada na Amazônia, ela impescinde de uma visão de totalidade, remetendo a uma compreensão da sociedade capitalista. Tendo em vista que a partir da década de 1930, o Estado brasileiro favoreceu a entrada de empresas internacionais que conseguiram em nome do progresso a instalação de grandes projetos na Amazônia, voltados para os interesses econômicos, objetivando a exploração da mais valia, mão de obra e submissão às regras do mercado internacional.

Nesse cenário, com a implementação desses projetos, emerge a “questão social” na Amazônia, fruto da agudização das formas de miséria e pobreza, que se refletia nas condições de vida dos povos amazônidas. Em face desse panorama do ponto de vista social e econômico, questiona-se o papel do Estado, que favoreceu tal processo avassalador. Portanto, esse questionamento nos leva a realizar uma reflexão teórica crítica que nos propomos a realizar ao longo deste texto.

Para tanto, procuramos tecer considerações acerca da exploração da borracha em BREVES/MARAJÓ/PA e a inserção do modo de produção capitalista nos rebatimentos das expressões da “questão social” na Amazônia já ressaltando a necessidade de definição e implementação de políticas públicas, de acordo com as problemáticas identificadas nessa região. O trabalho apresenta na primeira seção o debate sobre a Amazônia no contexto da acumulação capitalista, em seguida discutir-se-á sobre os reflexos da questão social na cidade de Breves/PA no contexto da produção capitalista.

2. A exploração da borracha nas cidades amazônicas

Para Porto Gonçalves (2017) a história da região da Amazônia ao longo dos séculos, sempre foi narrada exclusivamente pelos vencedores, à revelia dos ditos “vencidos”, cujo silenciamento frequentemente decorreu do uso da força e da violência. “[...] prevalecem visões sobre a Amazônia, e não da Amazônia” (PORTO-GONÇALVES, 2017, p. 15.)

Há centenas de anos a Amazônia foi, e continua sendo, alvo da cobiça de grandes nações ao redor do mundo. Nas últimas décadas, contudo, sob a ação hegemônica do capital, e desde sua forma primitiva. Neste recorte específico, a Amazônia vem sendo subtraída de suas riquezas naturais, em um movimento crescente de invasão de território e negação do seu povo e de sua relação com o lugar.

Para Violeta Loureiro (2000) a história da região Amazônica tem sido, da chegada dos primeiros europeus à Amazônia até os dias atuais, uma trajetória de perdas e danos. Nela, a Amazônia tem sido, e isso paradoxalmente, vítima daquilo que ela tem de mais especial, sua magia, sua exuberância e sua riqueza.

Desse modo, a ocupação e exploração dos recursos naturais da região Amazônica aconteceu em diferentes períodos históricos. Inicialmente com o Colonial, com a descoberta das drogas do sertão; fim do Império e início da República, com a exploração da borracha. A expansão da borracha deu origem a um sistema econômico e ao comércio exportador de proporções regionais e internacionais, tendo sido um dos produtos mais comercializados e exportados do século XIX. As cidades de Belém do Pará e Manaus no Amazonas no auge da exportação da borracha foram consideradas notáveis cidades da América Latina.

Nesse contexto, a cidade de Belém era a mais antiga e sua localização era considerada ideal para uma economia inteiramente voltada para o mercado externo e o Pará, primeira província produtora de borracha do mundo. O porto principal da província era sede natural de inúmeras firmas comerciais envolvidas no setor extrativo, além da presença de diversos bancos, companhias de seguros, estabelecimentos varejistas e consulados, que atendiam às necessidades da comunidade mercantil. (Weinstein 1993, p.200)

É importante destacar que a província Amazonense possuía renda suficiente, oriunda da tarifa de exportação da borracha, para equipar a cidade de Manaus com uma infraestrutura essencial para a vida comercial, mas isso não era suficiente. Pensando nisso, o governo adotou medidas estratégicas, oferecendo sensíveis recompensas para as casas aviadoras e firmas exportadoras da borracha para implementação de seu comércio. Segundo Weinstein,

“[...] ainda que a produção se ampliasse rumo ao oeste e o Amazonas emergisse como o principal centro de extração da borracha, a cidade portuária de Belém continuava a dominar a vida comercial e cultural da região [...]” (Weinstein 1993 p.192;200)

“[...] A elite amazonense iniciou sua luta para tirar Manaus da sombra de Belém em fins da década de 1870, ocasião em que o desequilíbrio nas relações entre as duas cidades já se tornava evidente [...]” (Weinstein 1993 p.192;200)

Para Weinstein (1993) na virada do século XX, a borracha já estava muito distante da época em que se limitava apenas a produção e exportação de produtos manufaturados ao capital estrangeiro e seu auge se deu com a indústria automobilística, surgimento do automóvel e exportação da borracha em escala mundialmente. Entretanto, essas mudanças ocorridas no setor industrial em decorrência da extração e importação da borracha não tiveram impacto superficial sobre a economia extrativa da Amazônia local.

“[...]”na selva primitiva, o seringueiro continuava a rodar pelas estradas, talhando as árvores, recolhendo a selva e defumando o látex, da mesmíssima maneira que outros como ele feito cinquenta ou mesmo cem anos antes... em 1910 bem mais da metade do extração da borracha do mundo era produzida assim [...]” (Weinstein 1993 p.192;193)

Contudo, ainda houve várias tentativas por parte dos industriais de reorganizar e racionalizar a economia extrativa, de investirem na produção da borracha local na Amazônia, pois temiam que esse método tradicional amazônico se mostrasse incapaz a atender às novas demandas surgidas pela indústria do pneu e isso viesse a comprometer os investimentos no mercado internacional. No entanto, por uma série de fatores, os investidores estrangeiros detentores do capital não levaram a diante as suas estratégias, pois havia a resistência do seringueiro e a ausência de técnicas inovadoras e adequadas à extração da borracha bruta. (Weinstein 1993 p.193)

Outro ponto importante a ser destacado foi o número crescente de investidores locais da região Amazônica que também optaram por investir na borracha bruta, afastando-se das práticas tradicionais de exploração das manufaturas locais. As contradições foram constantes em todos os estágios, seringueiro e seringalista, a questão fundiária intensificou-se, devido à pouca posse formal da terra, escravização e à inserção de capital estrangeiro e instalação de companhias estrangeiras.

À proporção que a Amazônia ingressou no século XX, houve sinais indiscutíveis de progresso exatamente nessa direção. Toda uma década de altos preços da borracha e a legislação fundiária mais eficiente da República ajudaram a elevar o valor e a fomentar o registro das propriedades rurais nas áreas produtoras da borracha. Até mesmo nas

regiões rio acima, tanto os seringalistas individuais como as grandes casas comerciais procuravam demarcar suas propriedades e obter os títulos apropriados. (Weinstein 1993 p.194;195)

Diante disso, até mesmo as cidades de regiões de rios acima da Amazônia como por exemplo Breves, Melgaço e Anajás já apresentavam uma alta incidência de seringalistas e de posseiros, tendo sido essas regiões úteis para o deslocamento local da extração da borracha pela via dos rios amazônicos, desta forma, os habitantes dessas regiões conseguiam se manter no negócio. De fato, as cidades de Breves e Anajás na década de 1850 foram consideradas os principais municípios à margem dos rios da Amazônia produtores de borracha até a introdução de seringais no alto do Rio Tapajós. (Weinstein, 1993, p.200).

Por certo, havia um grupo seletivo de industriais capitalistas que pretendiam monopolizar a produção da borracha na Amazônia e muitos industriais do capital internacional, como americanos e europeus, começaram a comprar propriedades da Amazônia com vastos seringais, também houve a chegada de grandes corporações industriais, como as francesas, atraindo vultosos investimentos estrangeiros e domínios de seringais às margens dos rios da Amazônia. Do mesmo modo que as regiões do vale dos rios Xingu e Tapajós nesse período foram dominadas por seringalistas estrangeiros em que se estenderam as redes de aviação da borracha. (Weinstein, 1993, p.200).

Desse modo, grandes áreas ao entorno das cidades próximas aos rios da Amazônia encontravam-se tomadas por seringalistas vindo de outras regiões, desalojando os legítimos posseiros da Amazônia, o colonialismo infiltrado. Ademais, começam a eclodir conflitos pela posse de terra entre os habitantes locais e as autoridades regionais, que nesse cenário se mantinham favoráveis ao modelo europeu capitalista dominante para a extração e comércio da borracha nas cidades amazônicas.

Nesse processo de dominação e exploração dos seringais nas regiões da Amazônia se obscurecia o desmatamento da floresta nativa, a destruição dos costumes e hábitos de vida da população nativa, a exemplo dos indígenas. Pois de fato todos os períodos históricos de dominação e exploração da região Amazônica pelo capital sempre estiveram influenciados pelo domínio estrangeiro.

Ao final do século XIX e na primeira década do século XX, a Amazônia perde o monopólio da produção de borracha para o plantio fértil de seringueiras por ingleses exploradores do sudeste asiático e a produção asiática atingiu um volume inédito superando a da Amazônia. A consequência foi o rápido declínio das exportações amazônicas assinalando a quebra do monopólio da borracha. Diante disso, a Amazônia perdia o seu lugar privilegiado de produtora de borracha mundialmente.

Segundo Daou (2000 p.67), ao término do monopólio da borracha na Amazônia engendraram-se diversas situações de cunho social, econômico e político. A crise da borracha foi vivida de maneiras diferentes por famílias e indivíduos, em conformidade com a capacidade de mudança e adaptação às novas circunstâncias e trouxe para a Amazônia a criação de um novo modo de vida, com a subsistência por meio da produção agropecuária em pequena escala e do extrativismo (caça, pesca e coleta), a transformação dos modos de vida das populações locais.

Nesse sentido, Violeta (2000 p.2) diz que a história da Amazônia tem sido, da chegada dos primeiros europeus até os dias atuais, “uma trajetória de perdas e danos”. Nela, a Amazônia tem sido, paradoxalmente, vítima daquilo que ela tem de mais especial, sua exuberância e sua riqueza, frente às tentativas do Estado de desenvolvimento econômico e social nas últimas décadas.

Para Violeta (2000), os modelos de desenvolvimento para a Amazônia tentados pelo Estado beneficiaram mais o capital estrangeiro do que a própria região da Amazônia, e vêm destruindo a natureza, sem alcançar os objetivos propostos. Este modelo pensado para a Amazônia, tal como vem sendo gestado no passado e hoje no presente, apenas aumenta as desigualdades sociais, os desequilíbrios regionais e levará à destruição de recursos naturais e do desenvolvimento regional, que poderia ser conduzido de forma diferente.

Nesse contexto, aos poucos, migrantes têm conseguido ascender socialmente no novo lugar de destino (a Amazônia), em compensação, devido à histórica política de abandono das classes pobres pelo Estado brasileiro, a região vem se convertendo desde as últimas décadas num espaço onde se registram o conflito no campo, a miséria urbana e o desperdício de recursos naturais – notórias expressões da “questão social”.

Desse modo, a política de ocupação da Amazônia, orientada segundo os desígnios do capital contemporâneo desde sempre traz em seu bojo um quadro de expropriação dos meios de produção das populações tradicionais que habitam o espaço amazônico e quanto mais se acentua a ampliação da fronteira para inserção das atividades econômicas e produtivas, maiores são os níveis de conflito entre aqueles que detêm os meios de produção e a população excluída do acesso a estes.

3. A “questão social” na Amazônia: os reflexos na cidade de Breves/ PA

As contradições socioeconômicas deixadas pela extração da borracha no interior das cidades amazônicas até hoje são permanentes. A imigração nordestina para a região; a escravização indígena e negra; o sistema de aviamento explorando e causando dependência

econômica para as famílias dos seringalistas que moravam às margens dos Rios da Amazônia foram fatores que causaram transformações culturais e sociais em torno da exploração da borracha no final do século XIX.

O povoamento e exploração das cidades amazônicas no período da borracha trouxeram consigo a investida do capital estrangeiro na região, que movimentou desde a miscigenação dos povos ribeirinhos, até questões políticas que transformaram o território, como as mudanças de sede das cidades. Neste caso, esses foram alguns dos impactos políticos, econômicos e sociais que evidenciaram expressões sociais latentes com a extração da borracha, a exemplo da cidade de Breves/PA.

A cidade de Breves/PA situava-se no estreito que fazia a ligação principal no período da extração da borracha no Amazonas, encontrava-se também próxima à capital Belém, tendo a borracha deste local um valor comercial de baixo custo, sendo permanente a relação comercial com a metrópole Belém. Por conta do movimento econômico dos vapores nos rios da Amazônia, a cidade de Breves ficou em evidência, devido à expressiva exploração gomífera, impulsionando um movimento político para sua emancipação da cidade de Melgaço. Por conta da extração da borracha, o movimento comercial *em Breves*, chamou atenção pelo seu valor comercial, devido os vapores atravessarem o estreito do lugar no trânsito entre Belém/Manaus; ou seja, o Lugar dos Breves estava sendo muito rentável para o comércio, bem como “os seringais localizavam-se na região das Ilhas, inclusive o Marajó” (TAVARES p.65).

Desse modo, a movimentação econômica despertava muitos interesses para os comerciantes locais. A cidade de Breves por muitas pressões provocadas pela exploração da borracha *foi elevada à categoria de Freguesia, com a denominação de Sant' Ana dos Breves* (Oliveira 1895, p.09). Houve a mudança da sede do município, a cidade de Melgaço passa a depender de Breves, pois o poder econômico e político havia sofrido mudanças, em 1851. A transferência do poder político ficou evidente, *em 24 de março* de 1852, o presidente da Província mandou transferir a Câmara de Melgaço para a Vila de Breves (Costa 2000, p.13), em 1889, Breves proclamou sua adesão ao regime republicano nesta Câmara.

As transformações econômicas, sociais e políticas provocadas pela exploração da borracha na cidade de Breves/PA e demais cidades que tornaram-se dependentes de Belém e Manaus, intensificaram a relação do capitalismo nos espaços urbanos, subjugavam a maioria da população à miséria, pobreza e, no meio rural, os povos ribeirinhos sofriam constantemente com o esmagamento cultural pela sociabilidade capitalista (TAVARES, 2008, p. 66).

A economia da borracha na Amazônia embora seja propagada como um período áureo, na verdade não enriqueceu a região, pois o excedente do valor produzido localizava-se nas pontas do sistema, em Belém inicialmente; Manaus, cidades em que estavam localizadas as firmas exportadoras (TAVARES, 2008, p 65).

Diante disso, a extração da borracha atraiu uma expressiva mão de obra nordestina para a Amazônia. O Brasil conheceu, no último quartel do século XIX e primeiro decênio do XX, um grande movimento de população: da região nordestina para a região Amazônica (FURTADO 2007 p. 189). O crescimento populacional na Amazônia foi notável, no entanto esses trabalhadores – entre eles negros, índios e os nordestinos – eram verdadeiros escravos do sistema de aviação, tanto nas vilas como nas localidades ribeirinhas.

Nesse contexto, os índios conheciam o trabalho da extração da borracha, os negros aprenderam o ofício, que eram verdadeiros sistemas escravistas, pois a quantidade de borracha que era extraída para alimentar a indústria europeia era expressiva. Enquanto as mortes nas florestas eram inevitáveis, com picadas de animais peçonhentos e doenças que assolavam os seringueiros. (FURTADO 2007 p. 189)

Nesse sentido, foram inúmeras as contradições deixadas pela exploração da borracha no interior das cidades amazônicas e até hoje são permanentes. A imigração nordestina para a região; a escravização indígena e negra; o sistema de aviação explorando e causando dependência econômica para com as famílias que moravam às margens dos rios trouxeram a pobreza, a expropriação de suas terras e de seus modos de vida.

Desse modo, tais fatores causaram transformações culturais e sociais nas regiões e cidades da Amazônia que sofreram com a exploração da borracha e com a investida do capital estrangeiro na região, que movimentou desde a miscigenação dos povos ribeirinhos fruto da migração, até questões políticas que transformaram o território, como as mudanças de sede das cidades.

Nesse caso, os impactos políticos, econômicos e sociais evidenciaram expressões latentes decorrentes da exploração da borracha. As contradições deixadas pela exploração da borracha, bem como a exploração agroextrativista da borracha no qual o município de Breves foi um dos maiores exportadores do Pará (1942 a 1945), sentiu com o declínio dessa atividade econômica e o município passou ao plantio do arroz, sendo substituído pela exploração da madeira, uma imensa contradição social. Contradições políticas, econômicas e sociais, desigualdades sociais e a formação de bolsões de pobreza, em contraste com os grandes empreendimentos (Loureiro 2002, p. 115).

Nesse sentido, as expressões mais latentes com a entrada dos grandes projetos na Amazônia, por exemplo, na cidade de Breves apresentam inúmeras expressões da “Questão Social”, com a imensa contradição que beira esta região, tais como o histórico esmagamento cultural, a acumulação capitalista assentada na contradição capital/trabalho, o extermínio de suas comunidades tradicionais e de seus modos de vida.

Segundo o IBGE (2018), a cidade de Breves possui uma população atual de 92.860 mil habitantes, vivendo com ½ salário mínimo 51,3% da população e o Ensino Fundamental 3,5

IDEB séries finais Fundamental 3. Óbitos 15,79 por mil nascidos vivos. Essas expressões evidenciam no PIB 6. 921,05 do Marajó o baixo Índice de Desenvolvimento Humano – IDH no Brasil é de 0,503, em que há famílias que vivem abaixo da linha da pobreza, o que torna aguda a situação social e torna evidente a ausência do Estado e a pouca eficácia de políticas públicas ao município que refletem nas expressões da “questão social” latentes na cidade de Breves/PA, com o indicador expressivo de mães prematuras e adolescentes, a mortalidade infantil, a ausência de política pública. Vitimados pelo escarpelamento, trabalho escravo e trabalho infantil, a violência rural e urbana alcança extremidades de barbárie, a biopirataria, narcotráfico, tráfico humano e bem como alto índice de analfabetismo.

Assim, a “Questão Social” amazônica tem um longo histórico, desde a colonização, dominação e exploração do europeu, continuando atual em seus desdobramentos, tomando diferentes roupagens ao longo do tempo. O que permeia toda essa história desde sua gênese, é a manutenção das desigualdades sociais que até hoje vigoram. Portanto, uma questão antiga, multifacetada em seus aspectos culturais, políticos, religiosos e econômicos, pautada pela escravidão, privatização, estatização e exploração sobre um povo e seu território.

Desse modo, podemos concluir que a “questão social” na região Amazônica não é nova em matéria, porém reveste-se de transformações sistemáticas em sua forma, que varia de acordo com cada época e suas tendências políticas e econômicas.

Nesse sentido, a “questão social” na Amazônia emerge na égide do capital e nos diferentes contextos vivenciados por sua população local como no caso da cidade de Breves/PA-Amazônia. Por fim, mostra-se evidente que as estratégias na busca de sanar as mais expressivas questões que se originam desse quadro histórico tomam a forma de políticas públicas e, em cada território, contexto e realidade específica, com contornos próprios.

4. Considerações Finais

As diversas formas de dominação e exploração das riquezas da Amazônia, a exemplo da extração da borracha no Pará e em Manaus no final do século XIX, trouxeram mudanças socioeconômicas e territoriais para a região de Breves/PA na ilha do Marajó. Expressões que intensificam a desigualdade social e regional, advindas de um processo histórico desigual e combinado, frutos dos grandes projetos de desenvolvimento da Amazônia. Desenvolvimento que tinha e tem o caminho unidirecional de acumulação capitalista e a expropriação da riqueza social em detrimento da miséria social.

Dessa forma, este trabalho traz reflexão sobre os projetos de desenvolvimento regional e local que favorecem somente os interesses capitalista, esmagando a cultura, a identidade, deixando à mingua o povo em detrimento da lucratividade do capital.

A cidade de Breves, faz parte de um recorte das cidades amazônicas que foram sujeitas ao desenvolvimento capitalista pela exploração da borracha, utilizando a economia política para favorecer os interesses de poucos. Portanto, pensar o desenvolvimento para a região, significa dizer que os sujeitos precisam estar no desenvolvimento do processo, que a Amazônia precisa ser pensada pelos amazônidas e que o desenvolvimento regional precisa atingir uma horizontalidade, para, por fim, alcançamos um novo projeto societário, baseado na igualdade e na equidade social.

5. REFERÊNCIAS

BRAGA, Theodoro. **O Município de Breves 1738 a 1910. Belém:** Impresso pela empresa Gráfica Amazônia, 1919.Belém/Pa.

COSTA, Ferreira. **TERRA DOS BREVES.** 1º ed. Belém-PA: Smith Produções Gráficas Ltda, 2000.

DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque Amazônica.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000

FIALHO, Nádia do Socorro. **A Amazônia e desenvolvimento capitalista: Elementos para uma compreensão da “questão social” na região - Tese de Doutorado.** Rio de Janeiro, 2006.

FONSECA, Dante Ribeiro da. **A Madeira Mamoré e o imperialismo na Amazônia.** Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2000. Mimeo. 30 páginas

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil.**-24. ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2007.

OLIVEIRA, Nazaré. **BREVES em breves passos.** 1º ed. Belém-PA: Smith Produções Gráficas Ltda, 1985.

Lacerda; L. F. B. Veronese. **A questão social e o contexto amazônico.** Cadernos do Ceas, Salvador/Recife, n. 240, p. 43-70, jan./abr., 2017 | ISSN 2447-861X

LOUREIRA, V.R **Amazônia uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir** *Estudos Avançados* 16 (45), 2002, 107-121

LOUREIRO, Violeta. *Amazônia: Estado, homem, natureza*. Belém: CEJUP, 2002. Cap 2

MARQUES, G. TRINDADE, J.R. Para além da SPVEA: **Elementos para uma interpretação da intervenção estatal na Amazônia**. In: TRINDADE J.R.B. (org.) *Seis décadas de intervenção estatal na Amazônia*. Belém: Pakatatu, 2014

PORTO-GONÇALVES, W. Capítulo 1,2,3,4. In _____ **Amazônia encruzilhada civilizatória**. Bolívia, 2018. (p. 15-52)

TAVARES, M. G. C. A Formação territorial de espaço paraense: dos fortes a criação dos municípios. **Revista ACTA Geográfica**, UFRR, Boa Vista, v. 2, n. 3, 2008

WEISTEIN, Barbara. **na A borracha Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920)**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1993. P. 190-24